Commentarium, vol. 2 (2026), pp. 285-291
https://doi.org/10.34640/cjhs2_2026_97

Commentarium
JOURNAL OF HUMANITIES STUDIES
CJHS

CRITICAL REVIEW

Manuel Tomás, *Insulana*. Edição Literária de Nelson Veríssimo. Funchal: Imprensa Académica, 2025. Pp. 715. ISBN 978-989-9062-65-8.

Rui Carlos Fonseca

Universidade da Madeira, HUM-TIC, Portugal
Centro de Estudos Clássicos, Universidade de Lisboa
https://orcid.org/0000-0002-0016-0763

Os navegadores portugueses chegaram à Madeira em 1419 e a partir de então tomaram posse deste espaço insular. Habitaram a ilha, urbanizaram-na, desenvolveram ciências, comércios e indústrias. Transfiguraram o território natural, deram-lhe história e cultura. Mais de dois séculos depois, o descobrimento da Madeira converteu-se em matéria literária, ao ser celebrado em canto épico. A *Insulana* de Manuel Tomás foi publicada, originalmente, em 1635. O texto, porém, ficou intocado durante quase quatro séculos. Entre 2023 e 2025 foram, por fim, partilhadas com o grande público quatro edições críticas do poema de Manuel Tomás, com actualização da grafia, notas, glossários, índices e introduções: Câmara Municipal do Funchal (2023), Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos (2024), Edições Afrontamento (2025) e Imprensa Académica (2025). É a última destas edições que vou aqui recensear. Antes de me debruçar propriamente sobre o trabalho realizado por Nelson Veríssimo, parece-me oportuno fazer umas considerações breves sobre o título *Insulana*.

Prestes a encerrar a composição do poema, escreve o Poeta: "A que cantei em esta breve história / Dos Heróis valerosos Insulanos" (Canto X, estância 134, versos 1 e 2). O assunto da *Insulana* não se restringe à chegada dos Portugueses à Madeira, ou seja, ao momento em que os navegadores comandados por João Gonçalves Zarco, sob a autoridade do Infante D. Henrique e d'El-Rei Dom João I, desembarcaram na ilha e começaram a explorar os vários locais deste "novo e oculto paraíso" (III, 100, 8). O assunto da *Insulana* expande-se muito para lá dessa circunstância primeira, pois, mediante as longas prolepses da Ilha, do Tempo e de Proteu que ocupam grande parte da narrativa, o Poeta conta a história da Madeira, dos seus capitães e figuras proeminentes da sociedade madeirense desde o povoamento iniciado no

* **CONTACT Rui Carlos Fonseca** Email: rui.fonseca@staff.uma.pt

© 2026 The Author(s). Published by *Commentarium: Journal of Humanities Studies*. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives License (http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/), which permits non-commercial re-use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited, and is not altered, transformed, or built upon in any way. The terms on which this article has been published allow the posting of the Accepted Manuscript in a repository by the author(s) or with their consent.

século XV praticamente até ao tempo de composição do poema, no século XVII. É, pois, a *Insulana* a epopeia da Madeira, dos seus heróis e feitos dignos de valor, inscritos no contexto mais amplo da História de Portugal. Assume-se, na verdade, como uma *Madeireida*, se quisermos adoptar uma designação mais próxima do estilo épico.

As obras do género épico, contribuindo para a formação e para a exaltação da identidade colectiva, permeadas portanto de um intenso sentimento pátrio, recebem amiúde os seus títulos a partir de nomes de heróis masculinos, individuais ou colectivos, míticos ou históricos ou histórico-lendários. Encontramos vários exemplos na Antiguidade e na Idade Média, como o *Épico de Gilgamesh*, a *Odisseia*, a *Telegonia*, a *Edipodia*, as *Argonáuticas*, a *Eneida*, a *Aquileida*, *Beowulf*, a *Canção de Rolando*, *Digenis Acritas*, o *Cantar de Mio Cid*, a *Canção dos Nibelungos*. O panorama épico português oferece também *Os Lusíadas*, *Afonso Africano*, *Viriato Trágico*, a *Henriqueida*, a *Zargueida*, entre outros poemas. Há ainda títulos formados a partir de topónimos, como, para referir apenas alguns exemplos, a *Ilíada*, a *Tebaida*, a *Etiópida*, a *Farsália*, *Jerusalém Libertada*, *Malaca Conquistada*, *O Uraguai*, *Lisboa Reedificada*, *O Oriente*, a *Kalevala*.

No início do século XIX, Francisco de Paula Medina e Vasconcelos compôs a *Zargueida*, o segundo poema sobre a Madeira. Cunhou o título a partir do nome do navegador português que liderou a viagem marítima, João Gonçalves Zarco ou Zargo. Nesse sentido, entende-se a temática deste poema como "as aventuras de Zargo" ou "o conjunto dos feitos de Zargo", entre os quais se destaca a viagem de descoberta de uma nova terra que é anexada ao reino de Portugal. A ilha é aqui valorizada a partir da perspectiva do seu herói descobridor-fundador-povoador. A primazia de celebrar a história da Madeira em canto épico foi, contudo, de Manuel Tomás, no século XVII. O poeta que viveu durante o domínio filipino em Portugal e que assistiu à restauração da independência portuguesa optou pelo título *Insulana*, uma forma adjectiva de ínsula. Com tal designação, o primeiro poema sobre a Madeira dá ênfase ao espaço; eleva a objecto de canto épico o espaço insular desde a viagem de descoberta dos navegadores portugueses e o início do processo de aculturação. O título *Insulana* pode ser interpretado como "as histórias da ilha" ou "as histórias dos habitantes da ilha". Ambas as hipóteses contêm o sentido implícito de "as acções e os feitos da gente da ilha da Madeira". A ilha é referida como "um novo Paraíso" (IV, 3, 8) e "do Mundo Oitava Maravilha!" (VIII, 123, 8). Instalada em território luso, a gente insulana alcança estatuto heróico numa perspectiva regional sem deixar, contudo, de participar activamente na História nacional. São as histórias dos "Fortes Insulanos / Com brio Português" (VI, 63, 2-3), autênticos "Viriatos da Pátria Portuguesa" (VII, 90, 2), que Manuel Tomás canta no seu poema.

A história futura da ilha e dos insulanos preenche uma porção significativa do enredo épico, cerca de seis cantos, dos dez que compõem a *Insulana*. É no Canto III que as naus portuguesas atravessam a névoa escura e descobrem a ilha. As profecias do Tempo estendem-se do Canto V ao Canto VIII; os vaticínios de Proteu ocupam a quase totalidade

dos Cantos IX e X. Alguns episódios se revestem de especial interesse pelo seu valor histórico-literário, como os ataques dos Castelhanos à ilha da Madeira (Canto VI), a peste no Funchal (Canto VI), o rapto de Dona Isabel de Abreu (Canto VII), o saque do Funchal por corsários franceses (Canto VII), a vida e milagres de Frei Pedro da Guarda (Canto VIII). No domínio lendário, importa destacar ainda os amores secretos, com desfecho infeliz, de Roberto Machim e Ana de Arfet (Canto II), um episódio narrado pelo piloto João de Amores e situado num tempo anterior à presença portuguesa na Madeira. Não fazendo parte das revelações auspiciosas que dominam sobretudo a segunda metade do poema, a história deste casal inglês serve de pretexto para a missão dos Portugueses em demanda da ilha desconhecida.

A *Insulana* de Manuel Tomás, com as suas 1462 estâncias, ocupa 715 páginas na edição literária de Nelson Veríssimo. A designação de Cantos, tradicionalmente usada para a divisão de um poema épico português, é substituída pela de Livros. Assim, nesta edição, o poema propriamente dito pode ser lido da página 89 (início do Livro Primeiro) à página 623 (fim do Livro Décimo). Cada página reproduz o mínimo de uma estância e o máximo de quatro estâncias. A esmagadora maioria das estâncias, e das páginas, vem acompanhada de notas de rodapé com explicações que abrangem os domínios da linguística, mitologia, cultura, ciência, literatura, história, geografia, crítica textual, versificação, entre outros. O texto editado contém 1072 notas de rodapé de extensão variada. A leitura do poema torna-se indubitavelmente mais rica graças à consulta das informações contidas nas notas. É de louvar o vasto conhecimento aí demonstrado sobre mitologia greco-romana e tradição bíblica, antigas civilizações do Ocidente e do Oriente, História da Madeira e História de Portugal, topónimos e etnónimos, designações científicas de espécies vegetais e animais com fundamentação nas fontes consultadas, várias citações textuais (da historiografia e da cronística, por exemplo), relações intertextuais com outros poemas épicos em especial com *Os Lusíadas*, explicação de vocabulário e sugestões de interpretação, entre muitos outros aspectos.

Manuel Tomás é um poeta erudito, e isso é manifesto na leitura da *Insulana*. Pode dizer-se dele o que ele diz de Dom Jerónimo Fernando, Bispo do Funchal de 1621 a 1650: “Erudito escrevendo, em que a grandeza / De seu engenho, dê lustre à ciência; / Vencerá sábio e douto na agudeza, / Toda a Grega e Romana sapiência” (IX, 69, 3-6); ou de João Gonçalves da Câmara, oitavo capitão do Funchal: “Das Musas honrará o ilustre coro, / Na Adolescência, tão polido e terso / Que imitará a Homero no decoro / E do Míncio Pastor, o heroico verso” (IX, 86, 1-4). As mais de mil notas que acompanham o poema evidenciam um exaustivo trabalho de pesquisa e contribuem para tornar a narrativa da *Insulana* mais próxima do leitor não especialista e mais compreensível para o público comum, não familiarizado com o estilo barroco da épica de Seiscentos nem com as linhagens dos nobres insulanos. Num tão numeroso conjunto de notas de rodapé, é natural que se encontrem falhas pontuais de grafia.

Registo apenas estes três lapsos de acentuação: Urano em vez de Úrano, Nemeia em vez de Némea e Cilicia em vez de Cilícia. Escreve Rebelo Gonçalves no seu *Vocabulário da Língua Portuguesa* (1966): "Úrano: Corrente, mas inexacta, a acentuação *Urano*" (p. 1045). O mesmo para Némea: "cidade da Argólide (-a). Corrente, mas inexacta, a forma *Nemeia*" (p. 703). Na edição de Nelson Veríssimo, encontramos a forma não acentuada Urano nas notas 11 (p. 91) e 223 (p. 197) e no glossário (*s.u*. Tétis, p. 664); a forma acentuada Úrano consta da nota 248 (p. 208). A forma ditongada Nemeia é usada uma vez na nota 138 (p. 153) e três vezes na nota 286 (p. 228); numa dessas ocorrências, lê-se "leão de Nemeia (Némea)" (cf. ainda a p. 657 do glossário, *s.u*. Hércules). Na nota 318 (p. 247), lê-se Cilicia sem acento.

A presente edição resulta de aturado labor e dedicado entusiasmo a este que é considerado "o nosso Poema Regional" (p. 41), contributo de inegável importância para a formação da identidade cultural madeirense. Na verdade, como informa Nelson Veríssimo, a proposta para reeditar a *Insulana* de Manuel Tomás foi feita no início dos anos 90 do século passado. A tarefa ficou inicialmente a cargo de João David Pinto Correia, falecido em 2018. A partir de 2020, Nelson Veríssimo assumiu a reedição do poema, trabalhando nela diariamente após a sua aposentação, no final de 2022, convicto "da validade e da importância do projeto no âmbito dos estudos literários e culturais da Madeira" (p. 42). A publicação em Novembro de 2025 decorre, por isso, de um processo moroso, de transcrição, leitura, pesquisa e revisão — processo moroso, mas realizado de forma empenhada, serena e sem pressa (p. 42). Destaco o rigor metodológico que perpassa as mais de 700 páginas deste livro. É igualmente manifesta a preocupação de Nelson Veríssimo de fornecer ao leitor as informações necessárias para a melhor compreensão do poema e das múltiplas referências eruditas que nele surgem, procurando tornar uma obra de difícil leitura mais acessível ao leitor de hoje. Não é de estranhar, nesse sentido, que, além do texto reeditado da *Insulana*, a presente edição inclua também introdução (pp. 15-45), gravuras (pp. 47-49), estrutura do poema (pp. 50--59), os paratextos (pp. 61-87), a marginália (pp. 627-647), glossário (pp. 649-665), bibliografia (pp. 667-689) e índices (pp. 691-715).

A introdução de Nelson Veríssimo estrutura-se em quatro partes: "O Autor", "*Insulana*", "O Projeto" e "Critérios de Edição". Manuel Tomás, o cantor da Madeira, do seu descobrimento, do seu descobridor e demais heróis insulanos, não nasceu na ilha, mas foi aí que viveu mais de metade da sua vida. Conciliava a actividade mercantil com a escrita. Além da *Insulana*, também publicou *O Angélico Doutor S. Tomás de Aquino*, *Rimas sacras*, *O Fénix da Lusitânia*, *União Sacramental*, *Tesouro de Virtudes* e *Décimas* (abreviei os títulos por comodidade). Como *Os Lusíadas*, a *Insulana* trata de um tema histórico em torno de uma viagem. Cronologicamente, o caminho marítimo para a Madeira é anterior ao caminho marítimo à Índia. Nas palavras de Nelson Veríssimo, a descoberta da Madeira constitui a "Primeira etapa da expansão portuguesa" (p. 33). O desenvolvimento literário deste tema histórico é sintetizado na introdução:

> A narrativa desenvolve-se, pelo menos, em quatro planos: epílogo das grandezas de Portugal até ao tempo de Zargo, quando estava investido nas funções de capitão da costa do Algarve; viagens de Machim e Zargo, que possibilitaram o reconhecimento e o consequente povoamento das ilhas; vaticínios da Ilha, do Tempo e de Proteu (visão proléptica); reflexões do poeta. (p. 19)

A par da exaltação da consciência patriótica e da difusão da memória colectiva — qualidades notórias da *Insulana* ainda que exigidas pelo género da épica — sobressaem também, nesta introdução, os juízos depreciativos feitos pelos críticos, que denunciam os defeitos do poema e do Poeta, como a retórica enfática, as ideias hiperbólicas, o excesso de genealogias e de pormenores de crónica, a esterilidade da acção narrativa, a limitação do assunto, a temática circunscrita a uma ilha deserta (cf. pp. 29-33). Por outro lado, Nelson Veríssimo salienta os vínculos temáticos entre Zarco e outros heróis da tradição épica. O navegador-descobridor contempla as pinturas da casa do Tempo e, por meio dessas descrições ecfrásticas, acede ao futuro auspicioso da ilha. Também n'*Os Lusíadas*, o Catual de Calecute observa as pinturas das bandeiras e fica a conhecer os heróis da História de Portugal; na *Eneida*, Eneias admira as pinturas murais de Cartago com representações da Guerra de Tróia e, já na Itália, observa vários episódios da História da futura Roma desenhados no escudo divino (pp. 26-29).

Os critérios de edição são expostos em pormenor nas páginas 42 a 45. Tomou-se como base de trabalho a edição da *Insulana* de 1635 impressa em Antuérpia. A grafia foi actualizada, erros tipográficos foram corrigidos, mas procurou-se um equilíbrio entre a modernização — para tornar o texto mais acessível ao público de hoje — e a preservação — para manter certas características de estilo, de versificação, de musicalidade (p. 43). Nelson Veríssimo sumariou o conteúdo de cada livro da *Insulana* sob a forma de tópicos, num esquema que preenche as páginas 50 a 59. Além de complementar os Argumentos elaborados por Manuel Tomás (pp. 86-87), este esquema da estrutura do poema funciona como guia de orientação muito útil, cuja consulta deve acompanhar a leitura da obra. É de louvar ainda a decisão de transcrever todas as anotações de Manuel Tomás feitas nas margens das estâncias (pp. 627-647) — prova consumada do amplo conhecimento que o autor de Seiscentos possuía tanto das fontes literárias antigas como de fontes historiográficas. Este conjunto de apontamentos inclui referências a obras e autores usados para a composição da *Insulana*. Como afirma Nelson Veríssimo, muitas destas referências, por demasiado genéricas, são de difícil identificação. Algumas são transcritas e comentadas nas notas de pé de página que acompanham o poema e estão assinaladas com a abreviatura NM, que significa "nota à margem de uma estrofe na edição *princeps*".

Foi também preparado um glossário que ocupa dezassete páginas (pp. 649-665) e contém o significado de mais de trezentos vocábulos. São, na sua maioria, nomes de figuras

mitológicas, históricas e literárias, topónimos e palavras eruditas e/ou de uso poético (*e.g.* Cisne com o significado de Poeta). As Fontes são apresentadas em dois grupos: Manuscritas e Impressas. O segundo destes grupos está dividido por temas: "Madeira", "História de Portugal" e "Antiguidade, Idades Média e Moderna". A Bibliografia encontra-se organizada em seis secções: "Geral", "Portugal", "História da Madeira", "Sobre Manuel Tomás e a *Insulana*", "Instrumentos de Trabalho" e "Webgrafia". A presente edição encerra com três índices: "Autores e Livros Bíblicos citados na Marginália" (pp. 691-694), "Plantas, Flores e Frutos" (pp. 695-698) e "Analítico" (pp. 699-715). A propósito deste último, informa Nelson Veríssimo em nota de rodapé: "Índice analítico de factos, personalidades, instituições, gentílicos, hidrónimos e topónimos de Portugal e da sua História, ou afins, mencionados no poema de Manuel Tomás" (nota 1, p. 699). Este índice permite localizar muito facilmente na *Insulana* os nomes aqui enunciados. Permite também ao leitor perceber, por exemplo, que existem dezanove personalidades com o apelido Câmara, muitas das quais são descendentes de Zarco, capitães do Funchal e condes da Calheta.

O texto editado da *Insulana* vem precedido de três gravuras. A primeira reproduz a imagem de Manuel Tomás com 51 anos de idade, publicada originalmente n'*O Fénix da Lusitânia* em 1649. As duas últimas gravuras mostram os frontispícios da edição do poema de 1635, uma "Em Caza de IOAM MEVRSIO Impressor", a outra "Por MICHEL DV SOÜILLET Impressor". Logo após a dedicatória e as censuras, lêem-se também várias composições poéticas em latim, francês e português. Os poemas latinos são acompanhados de tradução portuguesa da autoria de Telmo Corujo dos Reis; os poemas franceses são vertidos para língua portuguesa por Thierry Proença dos Santos. Nelson Veríssimo deixa-lhes um grato reconhecimento pela "prestimosa colaboração" e "generosa dedicação" (p. 42). No Prólogo ao Leitor (pp. 82-83), escreve Manuel Tomás que elegeu para a *Insulana* "a primeira empresa e descobrimento, que os nossos Portugueses fizeram nesta Ilha da Madeira, como princípio de todas as que depois se conseguiram das Praias da nossa Lusitânia, às mais remotas de todo o Oriente". Para a composição da epopeia, inscreve-se o autor na mesma tradição de Homero e de Vergílio, asseverando que procurou "observar os preceitos que Aristóteles aponta na sua Poética".

Deixo uma palavra final sobre a imagem da capa, da responsabilidade de Ilídio Gonçalves. Predomina na capa a cor azulada do mar e do céu. Do lado esquerdo, vê-se uma porção de terra rochosa que toca o mar. Parte dela parece estar coberta de arvoredo, o que é mais perceptível na lombada do livro. A meio da capa, uma faixa horizontal de nuvem alvacenta separa o azul do mar do azul do céu e encobre parcialmente o terreno rochoso. Não se trata de uma paisagem que é vista, antes avistada. Esta imagem da capa poderá sugerir o avistamento inicial da ilha por Zarco. No Livro III, lê-se como o grão Capitão encoraja os marinheiros a enfrentarem a névoa densa e escura. O fumo negro e espantoso faz subir uma terrível massa de ar caliginosa "qual Vulcão feio e medroso" (III, 56). Nesse momento da narrativa, em torno do qual todo o poema se constrói, os navegadores portugueses, ferindo

os campos de Nereu e rompendo o denso nevoeiro, abandonam o tímido receio, vencem o perigo com ousadia honrada e descobrem uma ponta da terra. Assim também esperamos que nem a densidade deste volume preparado por Nelson Veríssimo nem a densidade da escrita de Manuel Tomás sejam obstáculos para o leitor curioso, interessado em conhecer este marco da cultura madeirense.

A poesia é uma forma privilegiada de memória, um meio seguro de imortalizar feitos e heróis. Manuel Tomás preserva a memória das origens lusas da ilha. Nelson Veríssimo e os demais editores modernos da *Insulana* continuam a manter os inícios da identidade insular vivos nos tempos de hoje. É com "o valor perene da memória escrita" (p. 36) que termino a presente recensão, transcrevendo para esse efeito a estância 127 do Livro III:

> Que mal vivera de *Hector*, a memória
> Se o Pastor Mantuano a não cantara,
> E nem de Aquiles se invejava a glória
> Se o Cego *Smyrno* ao mundo a não mostrara,
> Perecera dos feitos a vitória,
> E com os mesmos heróis se acabara,
> Se lhe não dera fama no Universo
> A história imortal, em prosa ou verso.